

A Família da Mulher Dependente

Pablo Miguel Roig

Raquel Ajzemberg

Cirilo Liberatori Tissot

Há diferenças físicas **inegáveis** entre a mulher e o homem, como o tamanho corporal, a concentração de lipídios, as diferenças endocrinológicas, o ciclo menstrual, fatores estes condicionantes quanto ao uso e ao efeito dos fármacos.

Poucos são os programas de reabilitação destinados às mulheres dependentes, já que são projetados por homens e orientados para reabilitá-los, e dificilmente os programas de prevenção incluem uma mulher em seu tema. Assim, tudo tende a cronificar a **posição** da mulher usuária de substâncias tóxicas.

Neste trabalho, tomamos como base a descrição do modelo familiar do dependente químico desenvolvido por Eduardo Kalina, que, com sua experiência, conseguiu sintetizar os passos da evolução de uma dependência por indução de diferentes **pactos perversos** sucessivos, culminando com um **pacto criminoso**. Tal modelo, que clinicamente observamos na maioria de nossos casos, não se ajusta totalmente às famílias das mulheres dependentes, razão pela qual pretendemos, por meio de algumas modificações, descrever outro que se ajuste a elas.

O conjunto de fenômenos encontrados nas organizações de personalidade *borderline* são característicos dos tipos de pacientes atendidos na Clínica Greenwood.

Neste capítulo vamos desenvolver alguns **aspectos** relevantes sobre as famílias da mulher adicta, suas características estruturais e interacionais.

O termo **pacto perverso** é entendido, aqui, segundo a descrição de Kalina, como um vínculo não-verbal, no qual a finalidade não é explicitada, mas traz benefícios para as necessidades sadomasoquistas de seus elementos.

Talvez pelo fato do uso de drogas ser uma atividade ligada mais ao homem que à mulher, quase tudo o que foi desenvolvido na descrição fenomenológica, psicopatológica e etiológica de qualquer aspecto referencial teórico está orientado para o sexo masculino. Apenas ultimamente nota-se uma preocupação em relação à mulher que faz uso patológico de drogas psicoativas, e muito do que encontramos nas publicações atuais está ligado a modelos pré-conceituais e sem comprovação na experiência clínica.

Os fatores de influência que observamos na mulher dependente química variam essencialmente dos verificados no homem.

Royce, referindo-se ao alcoolismo feminino, indica as diferenças entre a mulher e o homem quanto à preferência e as formas de álcool consumido. O preconceito social marca a mulher que faz uso patológico do álcool como alguém promíscuo, amoral e o estereótipo que a mostra como débil, inferior e com dificuldades sexuais, somente colabora para reforçar a resistência em aceitar sua problemática, já que seria reconhecer que essas características lhe pertencem. Verifica-se uma incidência maior de divórcios em famílias nas quais a mulher é alcoólista em decorrência da intolerância e de uma maior desestruturação familiar.

Um falso sentimento de proteção para com a mulher faz com que se evite dar o diagnóstico da dependência, criando um círculo de silêncio ao seu redor, retardando-se a possibilidade de indicar-lhe um tratamento adequado.

Wilsmach verifica, em seus trabalhos, que as características da mulher alcoólista típica, que bebe por sentimento de dependência, para aumentar sua sensação de poder e seu sentido de feminilidade, são contraditórias e falhas em verificação experimental.

Estabeleceremos um paralelo de semelhanças e diferenças entre as estruturas encontradas na família do homem e da mulher adictos.

De modo geral, encontramos uma mãe debilitada, melancólica, que reclama e espera tudo de todos (receptora universal). O marido apresenta-se como aquele que tentará abastecer as necessidades dessa mulher exigente e carente (doador universal). Este é um pacto ilusório, pois não se sustenta. O marido, ao não conseguir manter a posição onipotente do doador permanente, mostra sua verdadeira essência, que é a de alguém exigente, que espera receber, emergindo o pai como figura débil e necessitada. A esposa, em contrapartida, tem que dar, oferecer, havendo ali uma relação por aderência, criando-se outro pacto perverso. A mulher começa, então, contrariamente ao combinado, a transformar-se em uma doadora universal, sem que, por outro lado, possua características para tanto.

A esta altura, existem duas possibilidades: a ruptura total ou a continuidade do casal, mas sem uma união que se integre em uma relação de mutualidade.

Surge, portanto, a aderência do vínculo como uma situação restritiva e empobrecedora. Tal solução, ao contrário do que acontece com um casal que se integra baseado no respeito às individualidades de cada um, limita o crescimento e o desenvolvimento de seus membros e mantém a ameaça de separação constante, se um deles não respeita o pacto narcisista.

Nessa família, o filho vem cumprir a função de solucionador das necessidades do casal, ou seja, ocupar o lugar vazio do pai e ser o objeto para onde se dirige a projeção das frustrações e exigências dessa mãe melancólica.

A partir disso, notamos certas sutilezas e peculiaridades na família da mulher adicta.

Enquanto na família do homem o abandono do pai deixa o filho à mercê das exigências maternas, transformando-o na droga da mãe, na família da mulher encontramos fenômenos diferentes.

O pai mantém-se no lugar da figura onipotente, lisonjeado e forte, à medida que tem sua filha para continuar a função de doadora universal. Há uma mudança de lugares, deslocando-se a mãe, que passa a uma posição secundária, e a atenção do pai dirige-se à filha, perpetuando o primeiro pacto ilusório, ou seja, mantendo idealizada a figura paterna. Esse pai envolvente exerce uma fascinação que comanda as realizações familiares. Ele, no clã, exerce sua virilidade e sua força permanece reassegurada, tendo a filha a função de vitalizá-lo e glorificá-lo. A figura paterna idealizada está presente, facilitando as fantasias edípicas adolescentes.

Há uma relação de dependência mútua pai-filha, fortemente incestuosa, na qual a esposa fica descartada. Em nossa observação clínica, verificamos mensagens verbais ou não, lapsos e chistes que ilustram tal dinâmica. Existe um certo clima de *flirt*, apresentações do tipo "minha mulher", referindo-se à filha, mencionemos, como exemplo, um pai que tinha uma filha modelo, muito bonita, que só permitia que lhe tirassem fotos despida quando ele estivesse presente.

Observamos que, em geral, homens de negócios com muito êxito profissional, com muito poder de ação, contrastam com sua potência sexual diminuída. Ao mesmo tempo, suas filhas apresentam-se com uma sensualidade bizarra. De alguma maneira, o pai projeta suas fantasias nessa filha, e sua virilidade fica preservada pela proibição do incesto, que oculta finalmente sua impotência.

Para a filha, esse contato erotizado é de tal ordem que a droga funciona como um sedativo para essa estimulação excessiva. A intensidade e o impacto da aproximação tão íntima pai-filha é de calibre tão acentuado que a relação edípica incestuosa deve ser anestesiada por meio de algum produto químico.

Verificamos também uma alta freqüência de pais com sucesso em suas profissões, mas esse êxito é de caráter duvidoso, existindo um certo mistério sobre suas reais atividades. Pais que não têm bem-estruturado para si o conceito de "lei", ou seja, que de algum modo cometem seus delitos e trapaças.

Não existe esse pai como lei, porque ele desqualifica a mãe e estabelece um pacto perverso com a filha. Ela, por adesão, termina atribuindo-se a posição fálica paterna, enquanto que o pai não é visto como representante da lei, e, por isso, é constantemente questionado. Aqui, ocorrem dois aspectos que interagem: o desafio e a transgressão. Portanto, cria-se na filha uma estrutura superegógica lacunar, que, por momentos, facilita que ela atue por meio de práticas marginais e do uso de drogas.

O pai, de certa forma, é um transgressor, e a filha transforma-se em sua droga, assim como, no homem, a tentativa de resolução da melancolia da mãe é o filho. A figura

materna não consegue significar-se, ficando desvalorizada e vazia, sem nenhum atributo que possa atrair identificações. Na falta de uma identidade feminina, a menina busca uma saída nas atividades masculinas. Encontramos, então, um aumento da sexualidade, relações afetivas indiscriminadas e inconseqüentes incluindo o uso de drogas como uma atuação de características femininas.

A fascinação pelo poder idealizado fálico equivale ao uso do álcool-droga como forma de continuar o legado masculino. Há uma identificação maciça com o poder do pai idealizado. Beber ou drogar-se significa poder, não ser castrada; ela crê obter, portanto, um manejo onipotente, sem limites, da vida.

Há repúdio a tudo o que possa significar contenção, recolhimento, reflexão, etc., vistos como características distorcidas pela óptica da feminilidade destruída. A função da droga é, então, a de amortecer o contato com os afetos e a ambivalência da posição depressiva.

A questão do enfrentamento com a castração é rechaçada por não existir o conceito que unifica o ser com o ter. Se se tem, se é; se não se tem, não se é. A filha, então, busca magicamente obter a posição fálica, aderindo-se ao pai, ou à droga, e desloca e compete com essa mãe desvalorizada internamente. A carga de destrutividade, agora dirigida contra as representações parentais internalizadas, é feita com a adicção. A droga funciona como objeto externo a serviço de um equilíbrio que tenta restabelecer a homeostase narcisista, para que não tenha que elaborar a angústia da castração edípica. A fantasia onipotente que se busca por intermédio da droga, que Kalina descreve nos homens como "síndrome de Popeye", nas mulheres tende a transformá-las em "Mulher Maravilha".

Outro tipo de possibilidade que podemos encontrar no interjogo familiar é quando a mãe tem o exercício do poder e ocupa o lugar destacado, comandando a família, ocupando a posição fálica. Nesse caso, de alguma maneira, a mãe entrega a filha ao pai, para que este não a moleste, deixando o campo livre para exercer o que ela julga ser a fonte do poder e das gratificações.

Assim, cria-se o conceito da feminilidade gelada, como se houvesse um processo de luto patológico pela identificação com um objeto frio e distante. Essa mãe, que não consegue cumprir sua função básica de maternidade e continência da filha, desloca suas catexias libidinais para outras atividades, prejudicando a

possibilidade de introjetar e valorizar a função feminina. Expõe -se a situações de confronto e ataque a tudo o que é considerado querido e feminino, com base em um modelo que a mãe lhe transmitiu. Quando se relaciona afetivamente com alguém e sente-se querida, ataca, destrói sua delicadeza, entra em brigas na rua, etc.

A mãe, ao não cumprir sua função, dá à filha a sensação de que alguém falhou em seu dever para com ela. Então, sente-se abandonada e vincula-se ao pai, tentando, por meio dessa associação, estabelecer uma ligação de sobrevivência..

Em ambos os casos, as dificuldades com a figura materna provocam falhas profundas no desenvolvimento da estrutura psíquica, pois o ataque à mãe internalizada aumentaria a culpa, gerando, conseqüentemente, angústias, paranoides. Assim, a agressividade e o auto-ódio promovem a reintrojeção do superego sádico, que triunfa por meio dos esquemas destrutivos, auto-agressivos, que usam o álcool-droga como elemento de autopunição.

O modelo descrito está baseado na experiência clínica com dezenas de pacientes e suas famílias ao longo de muitos anos de trabalho com adictos. Ao tentar descrever um tipo de sistema formador de dependências em mulheres, é claro que buscamos os pontos em comum que caracterizam tais famílias, correndo o risco de que nosso modelo tenha os vícios de haver sido observado em um certo setor social e em um momento socioeconômico e político muito particular. Como todo modelo, está aberto para ser discutido, complementado e contestado, mas cremos que os especialistas dessa área vão encontrar muitos pontos em comum com os nossos. Tentando não ser reiterativos, queremos enfatizar a dificuldade que existe no diagnóstico e no tratamento de mulheres portadoras da doença de adicção. Desejamos que nossa contribuição à percepção de estruturas familiares adictogênicas seja útil para a função diagnóstica e preventiva que temos como profissionais da saúde.

Estrutura Familiar
Masculina

Estrutura Familiar
Feminina

SEMELHANÇAS

Os filhos são as drogas de cada um dos pais.

Há uma reedição do conflito edípico adolescente,, que é estimulado e torna-se intolerável para

os filhos.

Há uma manipulação do filho, ou da filha, para complementar as dinâmicas patológicas de um dos membros (ou dos dois) do casal parental.

A função do álcool, ou de outras drogas, é a de funcionar como anestésico, diluindo a função superegógica.

Há uma incapacidade de lidar com a ambivalência da posição depressiva.

Há um funcionamento imediatista pela falta de introjeção conceitual do não.

Diferenças

Diferenças

Masculino

O pai está ausente.

No vínculo materno, o filho é manejado pela mãe.

O filho é depositário da melancolia materna.

Há uma tentativa de resolução edípica por meio da morte (pacto criminoso)

O pacto perverso dá ao filho o lugar de doador universal filho-mãe.

O pai retira-se como doador da mãe.

O uso da droga simboliza o manejo onipotente da morte.

Feminino

O pai está presente de forma perversa.

A mãe é descartada ou se descarta.

A filha é depositária do manuseio e da virilidade paternas.

Há uma tentativa de resolução atípica por meio da eliminação da mãe.

O pai mantém-se como doador e a filha fica como doadora universal.

A mãe é excluída.

O uso da droga é para poder ter acesso à posição fálica.

Funções da Droga

Simbolismo fálico.

Suaviza a reedição do conflito edípico adolescente..

Aplaca a culpa em relação aos impulsos agressivos frente à figura materna.

É a realização autodestrutiva por meio da reintrojeção do superego sádico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Arias, J.J.; Fernández Labriola, R.; Kalina, E.; Pierini, C.O. *A familia del adicio y otros temas*. Ed.

Nueva Visión, Buenos Aires, 1991. Kalina, E. Teoria y practica de la psicoterapia Familiar del adicto, actualización. In: Arias, R.;

Fernández Labriola, R.; Kalina, E.; Pierini, C.D. *La familia del adicto y otros temas*. Editora

Nueva Visión, 1990. Freire de Garbarino, M.; Maggi de Macedo, L. Un aporte al narcisismo en la adolescencia. In:

Adolescencia. Editora Roca Viva, 1992. Royce, J.E. Special groups. In: *Alcohol problems and alcoholism*.

Editora Thic Iree Press, 1969. Green, A. A mãe morta. In: *Narcisismo de vida, narcisismo de morte* Editora Escuta, 1988.

